

## *A digressão na fala de idosos*<sup>1</sup>

Tatiana Cristina **FERREIRA** \*  
Universidade Estadual de Londrina  
Paulo de Tarso **GALEMBECK** \*\*  
Universidade Estadual de Londrina

**Resumo:** Este artigo discute os procedimentos usados para desativar o tópico na interação de idosos. O texto compõe-se de duas partes: na primeira, expõe-se o conceito de digressão, seu tipo, função e finalidade. A segunda trata dos termos digressivos e de seu papel no desenvolvimento tópico.

**Palavras-chave:** interação; língua falada; digressão.

**Abstract:** This article discusses the procedures used to deactivate the topic in elderly people's interaction. The text consists of two parts: the first one presents the concept of digression, its type, function and purpose. To second one approaches the digressive terms and their role in the topical development.

**Key-words:** Interaction; Spoken language; Digression.

### 1 Introdução

Este trabalho estuda o processo de construção e interação

---

\* Mestranda do Programa Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Contato: tatyferreira@hotmail.com.

\*\* Doutor em Filologia e Língua Portuguesa (1990) pela USP. Docente do Programa Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina. Contato: ptgal@uel.br.

<sup>1</sup> Parte integrante da dissertação de mestrado: *As inserções parentéticas e as digressões na fala de idosos*.

digressiva do discurso oral com idosos acima de setenta anos. Pautase em teorias sociocognitivas interacionais, em que o processamento textual, quer em termos de produção, quer de recepção, é um processamento estratégico – os interlocutores da interação colocam em ação um conjunto de estratégias para melhor construir o sentido.

O *cópus* é constituído pelo inquérito do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) n.º 317, pertencentes ao *cópus* do NURC/RJ (Norma Culta – Rio de Janeiro), correspondente a 50 minutos de gravação.

Esse diálogo não pode ser classificado como conversação espontânea, já que foi monitorado por uma documentadora, a quem coube sugerir o tema, no caso desse inquérito, vestuário. Em todo caso, esse inquérito apresenta as características básicas de um diálogo “natural”: neles se verifica a simetria na participação dos interlocutores (caracterizada pela alternância nos papéis de falante e ouvinte) e ocorre um engajamento efetivo dos participantes na construção do ato conversacional (há continuidade do assunto e momentos de fala do ouvinte).

### **1.1 Fundamentação teórica**

Castilho (2004) menciona três processos dessa modalidade de exteriorização linguística, ou seja, três processos de construção do texto falado:

- a) Construção por ativação: processo central de construção de língua falada e também da escrita. Nesse item trata do tópico ou assunto e suas propriedades, da construção do enunciado (unidades discursivas) e dos marcadores conversacionais.
- b) Construção por reativação: característica da fala, representa uma volta ao já-dito, por meio da retomada ou reformulação de porções do tópico ou do enunciadador.
- c) Construção por desativação: é representada pelos truncamentos de palavras ou frases e pela ruptura total ou parcial do tópico em andamento.

Assim, toda conversa tem um assunto e as pessoas só interagem porque têm algo a dizer às outras, nem que sejam futilidades ou frases soltas, para preencher o silêncio. O desenvolvimento dos tópicos na conversação dos idosos, diálogos gravados para o NURC, passa por um controle contínuo por parte da documentadora que realiza a gravação. Embora esse controle nem sempre seja rigorosamente obedecido, o certo é que os interlocutores recebem, ao começar, o tema sobre o qual irão conversar e põem-se a falar sobre ele. Seria o que podemos chamar de tópico principal.

O andamento da conversação, que é de esperar, gera quebras de tópico, digressões, mudanças. Mas o tópico principal da conversação volta, por meio ou não de marcadores de mudança ou de reintrodução de tópico. Às vezes, o próprio informante reintroduz o tópico remetendo ao assunto já tratado. Quando isso não ocorre, cabe à documentadora fazer essa reintrodução, retomando a conversação sobre o tópico proposto no início. Essa intervenção, porém, é, em geral, rara, pois o diálogo flui normalmente de um tópico para outro.

Nesse contexto, nosso enfoque é no processo de desativação nos segmentos digressivos que concentra o estudo desse artigo.

## **1.2 Digressão**

As estratégias digressivas, construídas por desativação, seguem os estudos de Andrade (2001), a qual originou suas pesquisas sobre a digressão em Dascal e Katriel (1982), Halliday (1978), Hasan (1980), uma tipologia digressiva adequada à perspectiva funcionalista e interacional. Dentro dessa perspectiva da Linguística Sistêmica Funcional - conversação é um nível autônomo, altamente organizado e simultaneamente semântico e funcional - é que construiremos os estudos sobre as estratégias digressivas.

Assim, segundo Andrade (2001), a digressão pode ser caracterizada como uma porção textual que não se acha diretamente relacionada com o segmento precedente, nem com o que lhe segue,

porém, não é acidental nem cria uma ruptura da coerência, devido ser fruto de relações de relevância tópica.

Considerada sob o enfoque interacional, passa a funcionar como uma estratégia por meio da qual se busca determinado efeito de sentido. Trata-se de uma estratégia por meio da qual os interlocutores conduzem o texto, manifestando na materialidade linguística o quadro de relevâncias acionado na situação enunciativa. Elas se efetivam por meio de marcas formais que apontam para algo que estava no entorno e que agora é inserido no contexto situacional, pois texto e contexto apresentam-se integrados e um serve para predizer o outro.

O contexto situacional determina condições pragmáticas (cognitivas) que o locutor faz da situação comunicativa. O locutor percebe somente aqueles elementos da realidade circundante que considera relevantes para o desenvolvimento da interação, tendo em vista que o contexto situacional é uma criação individual, efetivada pelo contexto cultural, biográfico, conhecimento de mundo. É conveniente, ainda, observar e identificar na atividade interacional, em termos de estrutura, os tipos de situação linguística em que as digressões se estabelecem por meio de metafunções do contexto, as quais possuem três variáveis (campo, teor e modo) interdependentes e complementares, além de apresentarem marcas de subjetividade e intersubjetividade.

A partir dessas três variáveis temos os três tipos de digressão: digressões baseadas no enunciado (têm relação com o conteúdo do enunciado principal e a digressão); digressões baseadas na interação (não se relacionam com elementos do conteúdo tópico em curso); digressões baseadas em sequências inseridas (referem-se a uma grande variedade de atos de fala corretivos e esclarecedores).

Com relação à configuração contextual desses tipos de digressão, temos o **campo** que é a motivação da **digressão lógico-experiencial**. Essa ocorre por uma mudança de tópico a partir de elementos inferidos como fazendo parte do tópico (tema e horizonte) e a série de relevâncias associadas a ele. O tópico em curso leva o sujeito a trazer algo que estava à margem de sua

percepção para **demonstrar, exemplificar** ou **ilustrar** (funções digressivas). Tudo isso para o sujeito evidenciar seu ponto de vista.

O **teor** é evidenciado na **digressão interpessoal** por meio de um deslocamento do tópico em curso para a inserção de um elemento de ordem contextual. Tal deslocamento ocorre pela manifestação de algum tipo de “distração” ou “interesse” ocasionado, por exemplo, pela chegada de outra pessoa ou a interferência de algum ruído externo ou a relevância de um objeto presente aos arredores da interação. Ela ainda divide-se em digressão interpessoal incidental e digressão interpessoal imediata.

A digressão interpessoal **incidental** ocorre quando outra pessoa entra na atividade de fala, ou ainda, quando um dos participantes oferece, por conveniência social, algo para beber ou comer. Ou seja, por convenção social há a participação de uma pessoa, daí a função **participatória**.

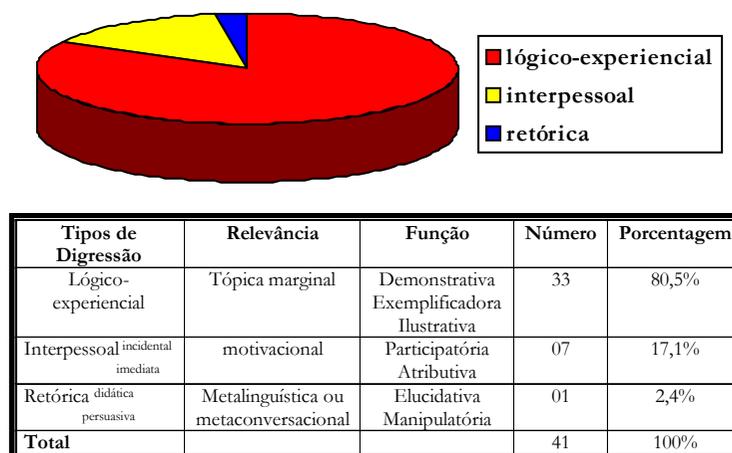
A digressão interpessoal **imediate** aparece quando um dos sujeitos enfoca, imediatamente, um elemento a partir do contexto de situação.

O **modo** é motivado na **digressão retórica**. Nela, há uma pausa no fluxo textual efetivada pela necessidade do sujeito solicitar, por exemplo, um esclarecimento ou pedir uma informação. Contribui para tecer a produção linguística e divide-se em digressão retórica didática e digressão retórica persuasiva.

A digressão retórica **persuasiva** é uma forma de manipulação do dito para que o outro aceite suas colocações. Essa manipulação ocorre por meio de pistas de contextualização (marcadores, entonação, pausas) deixadas no encaminhamento do jogo conversacional.

## 2 Análise das Ocorrências

As ocorrências vão ser analisadas de acordo com uma série de variáveis. Cada uma delas será considerada num conjunto por meio de gráficos. Na figura 1, temos quarenta e uma digressões mostradas no gráfico e expostas na legenda onde elencamos as relevâncias e as funções.



**Figura 1** – Tipos de digressão no DID-317

As digressões **lógico-experienciais** apresentam caráter desviante em termos de domínio de relevância porque entre o tópico central, que vinha sendo desenvolvido, e o segmento digressivo há um propósito de natureza pessoal.

Por exemplo, nas linhas 647-661, com o tópico “Roupa íntima”, a documentadora inicia a pergunta sobre roupa íntima masculina, nisso ela se lembra da neta de uma amiga, quando casada de novo e o marido adorava combinar tudo (linhas 662-670), relevância marginal; a seguir, volta ao tópico Zorba, linhas 671-673, para revelar sua opinião sobre as cuecas. Assim, no tópico Roupa íntima ocorre uma série de digressões seguidas ao subtópico cuecas, pois a locutora acredita que as cuecas de hoje prejudicam a virilidade masculina. Dessa forma, julgando, no começo, vergonhosa sua opinião, pede para desligar o gravador, mas utiliza-se de ilustrações e exemplos para afirmar sua opinião; tudo isso, por ela achar as cuecas muito apertadas.

- Loc.* ah... pois é que eu... estou dizendo a você... por isso que eu... agora estou me lembrando... você puxou... eu me lembrei desse... desse detalhe... porque achei... eu achei lindo... eu achei uma beleza... bom... naquele tempo... eles usavam... por exemplo... meia combinava com a camisa... né? e a gravata combinava com... com a camisa... com o terno... agora a gente vê aí verde... terno verde... a camisa cor-de-abóbora e a gravata azul fulgurante... vale tudo... vale tudo...
- Doc.* e... e... cuecas assim também tem...
- Loc.* tem... tem uns tais Zorbas... Zorba... ah... eu não posso dizer... desliga... depois eu te digo...  
(DID – 317, L.663-673, grifos meus)

Devido à pergunta “combinações para cueca”, o sujeito infere elementos que vão fazer parte do tópico (tema e horizonte) e da série de relevâncias associadas a ele, as quais estão no campo de percepção do sujeito. Esses elementos podem ser inferidos e ativados pela locutora por meio de suas lembranças e compreendido pelo interlocutor a partir de seu conhecimento prévio (conhecimento de mundo, cultural, biográfico-individual, partilhado).

O próximo exemplo está nas linhas 106–118, o tema é moda, contudo o sujeito delimita-o, centrando na moda jovem atual, inicia dizendo que os jovens não se preocupam em combinar roupas, passá-las, usá-las limpas, mas o sujeito as admira mesmo assim. Diz, porém, que, se usar tais coisas da mesma forma, ficará ridículo. Assim, foca na questão da compreensão, diz tentar compreendê-los, mas que não é fácil. A locutora faz todo um comentário do como compreende o jovem, sem dizer o que pensa, pois não se acha no direito de interferir em sua educação. Desse modo, o ponto relevante é o comportamento jovem e não mais a moda jovem.

compreendê-los... está um pouco difícil... hoje em dia... o diálogo... pelo menos eu que não... não tenho vivência com eles... porque... apesar de eu ter muitos sobrinhos... mas eu acho que eles tem o direito à vida deles... sou incapaz de observar qualquer coisa... posso não gostar de certas

atitudes... mas sou incapaz de dizer... porque... é como eu digo... não perdi noite de sono os criando ((fala feminina “deseja alguma coisa?”)) não... um cafezinho... não quer... M.H.?

*Doc.* hum... hum...

*Loc.* não perdi noite de sono os criando... não gastei dinheiro com eles na sua educação ou em doença... então eu me abstenho... Eu acho que eu não tenho o direito de interferir com eles...

Observe que a mudança de campo (tema e horizonte) é necessária, pois, implicitamente, o sujeito compara o jovem de ontem com o de hoje, tendo em vista não ser mãe, a locutora vê esse retrato dos sobrinhos. A relevância está no esclarecimento entre ser preocupada em combinar roupa, concepção de seu tempo, com o não combinar nada, juventude atual.

Assim, percebemos nos dois exemplos que assuntos à margem, mas no seu campo de percepção, tornam foco para demonstrar, exemplificar ou ilustrar o dito (cuecas, moda). Nesses dois exemplos, o sujeito traz relevâncias que, comparadas ao seu tempo, trazem implicitamente o que pensa sobre a nova geração (cuecas muito justas = falta de masculinidade; comportamento dos jovens atuais=falta de respeito aos mais velhos, falta de limite, portanto são difíceis de ser compreendidos).

Quanto às **digressões interpessoais** efetuadas no quadro tópico DID 317, são apenas sete, sendo cinco **incidentais** (quando uma pessoa entra no diálogo ou quando o sujeito oferece ao outro algo para beber ou comer) e duas **imediatas** (quando o sujeito enfoca algo a partir do contexto). Esse tipo de digressão evidencia o teor do discurso e relaciona-se a fatores de ordem contextual, manifestando preocupações sociais entre os participantes.

No exemplo abaixo há uma inquietação do sujeito com o gravador, objeto que faz parte do *entorno*, isto é, do ambiente onde a conversação acontece. Mas, para o sujeito, esse objeto ultrapassa o espaço físico e torna-se um elemento pertencente ao contexto de situação ou espaço interacional, pois aparece de **mediato**:

*Loc.* tem... tem uns tais Zorbas... Zorba... ah... eu não posso dizer... desliga... depois eu te digo...  
(DID - 317- L.674-673, grifos meus)

Porém, mesmo ao ressaltar a vergonha do dito, a interação não perdeu seu grau de relativa espontaneidade, pois entram num acordo e o sujeito se permite falar, pois ambos possuem o conhecimento partilhado em alto grau.

No exemplo 4, o sujeito fala das coisas que gosta de usar. Em seguida, entra no foco “ser desligada”, e assim se lembra de falar com quem mora e que gosta de jogar. Neste momento, fala da necessidade de ter empregadas para servir café antes do jogo. Nisso, a documentadora retorna ao tema traje e associa ao traje da empregada, assunto atual do sujeito, mas fora do foco “Vestuário”.

*Doc.* essa moça que serviu café aqui pra gente... ela estava com um traje...

*Loc.* é empregada de M... né? porque a M. é inglesa... minha filha... você sabe que nessa casa se usa lavanda?

*Doc.* e é?

*Loc.* usa sim...  
(DID – 317 - L.824-829)

Vê-se que o **incidente** do discurso lembra a volta ao supertópico “Vestuário” por meio do tópico “traje da empregada”. Surge, assim, do contexto de situação e, ao ser nomeado por um dos interactantes, torna-se relevante. Houve uma oportunidade para inserir o de fora no contexto atual, já que a locutora já transitava sob o tema.

Desse modo, nos dois exemplos, há uma motivação para que algo fora do diálogo venha participar ou passar a ter mais valor dentro do ato comunicativo. Instaura-se uma preocupação de ordem social ou do contexto situacional (repcionar bem quem chega ou um imediato interesse por um objeto ao redor) entre os sujeitos que buscam evidenciar seu papel na interação.

Com relação às **digressões retóricas** (no exemplo 5, abaixo), elas podem surgir para elucidar algum termo, frase ou

conteúdo que acarretou problema na interação (digressão retórica **didática**) ou evidenciar uma forma de manipulação da fala do outro (digressão retórica **persuasiva**). Contudo, nesse inquérito aparece apenas uma, com a função de preparar o sujeito a aceitar as colocações do outro. Isso é percebido no trecho abaixo, pelos adjetivos e seus graus, os diminutivos deixados pelo sujeito no encaminhamento do tópico discursivo em curso, pois admitirão o levantamento de inferências.

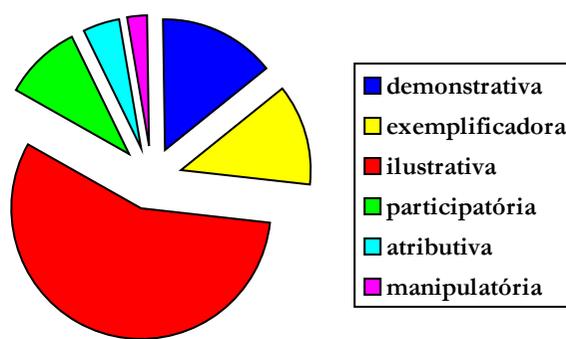
*Doc.* certo... houve uma época em que o homem era muito rígido... não é... em termos assim de trajas

*Loc.*                   <sup>l</sup>olha eu... eu sou avançadíssima... gosto de tudo que é moderno... não sou saudosista... até em música sou moderninha... seresta... uma ou outra... eu gosto é de *pop*... é porque... eu estou dizendo a você que eu sou uma velha bom... eu às vezes... hoje em dia eu já estou me acostumando... eu me espantava quando eu encontrava os homens em manga de camisa ainda em certos ambientes... isso ainda me chocava... agora... hoje em dia... já nem me choco mais... está certo... pode ir até  
(DID-317- L.205-216, grifos meus)

Vê-se que a locutora busca um modo para preparar seu parceiro a aceitar as colocações que fará em relação ao tópico em curso. Essa preparação se evidencia por meio de pistas de contextualização deixadas no encaminhamento do jogo conversacional: elas são empregadas para explicar o modo de ser, agir e pensar. Em seguida, fala do tipo de roupa formal para cada ambiente. Portanto, organiza o sentido de manga de camisa como elemento não formal e que causava espanto em alguns, assim: “... os homens em manga de camisa ainda em certos ambientes... isso ainda me chocava...”.

A locutora formada em medicina é avançada, ou pelo menos tenta ser, mas está presa às suas convicções de criação. Assim, a locutora tenta aceitar e conviver com o novo, mas não se vê nesse novo, por isso há poucas digressões retóricas (ver figura 2), pois tenta ter uma linguagem atualizada, não parecer muito didático ou

persuasivo, pois sabe que a nova geração não gosta “que pega no pé”. Desse modo, aproveita o que está à margem para, de forma elucidativa, falar do seu tempo e mostrar como era, e de forma implícita mostra o como ele era melhor, pois a própria assume, por várias vezes, que seria uma velha ridícula se usasse a moda atual. Veja, na figura 2, as funções textuais da estratégia digressiva:



Tipos de Digressão	Funções	Número	Porcentagem
Lógico-experiencial	demonstrativa	06	56%
Lógico-experiencial	exemplificadora	05	15%
Lógico-experiencial	ilustrativa	23	12%
Interpessoal incidental	participatória	04	10%
Interpessoal imediata	atributiva	02	5%
Retórica persuasiva	manipulatória	01	2%

**Figura 2** – Funções da digressão no DID-317

Assim, ao examinar a figura 2 com mais atenção, é possível ver que as digressões lógico-experienciais empregadas pelo interactante possuem uma função específica de demonstrar, exemplificar ou ilustrar. Contudo, os interlocutores tendem a ilustrar, trazem algo do seu campo de percepção temática para seu foco numa espécie de comentário a fim de elucidar algo colocado no tópico prévio, instaura, assim, uma relevância marginal.

Ao demonstrar, o interactante, além de trazer algo que está no seu campo de percepção para o foco, mostra a firmeza do dito, pois este tem provas concretas que aconteceram consigo mesmo e, assim, evidencia seu ponto de vista. Veja o exemplo 6:

qualquer aí... não sei... porque na ... então minha mãe nunca chegou pra mim dizendo... L.... você tem que ser justa... agora... eu vi os exemplos dela... então... com meus irmãos... quando eu achava que eles erravam... eu achava... eu dizia... meus amigos... quando eu erro... eu digo... digo... não... mas penso e sinto e afirmo que estão errados... agora... não foram palavras de minha mãe... ditadas por mamãe... absolutamente... foram os exemplos que ela deixou em mim... (grifos meus)

Neste exemplo (L.267-274), a locutora traz a mãe como exemplo na sua vida, porém não foi algo ditado, forçado, mas aprendeu com o jeito de ser da mãe. Assim, o dito vem de outra digressão na qual comentava a respeito da mãe reconhecer o erro do filho e, antes ainda, do respeito que sua geração tinha pelos mais velhos. Vê-se que esse horizonte que agora faz parte do tema, traz a concepção do interactante sob educação e, implicitamente, que os filhos de hoje são o reflexo dos pais, isto é, quem não se vê, não consegue vê erros nos outros.

Já no exemplo 7 (L.310-316), a locutora insere a digressiva por meio de uma inserção (me lembro quando eu era...) para, novamente, demonstrar que teve exemplos, regras a seguir e nem por isso, foi uma adolescente “rebelde” (“criou complexo em mim”). Ou seja, a locutora prepara a entrada do que está no seu campo de percepção e fará parte de seu foco.

me lembro quando eu era... antes de sete anos... eu morava lá em Icarai e tinha uma vizinha de ( ) uma viúva com vários filhos... eu chegava em casa... eu sempre fui muito assanhada... muito sapeca... mamãe... eu quero uma botinha marrom... com... com cano de camurça... mamãe dizia assim... quem é que tem? ( ) é a I. ou é a C. essas... minha filha... são

filhas de viúva rica... você é filha de viúva pobre... se você se comportar bem... vamos ver... criou complexo em mim...  
(DID – 317, grifos meus)

Vê-se que desde criança teve uma educação para ter o que podia, e não o que queria e, ainda, devia ter bons comportamentos para merecer presentes. Assim, deixa claro que a geração atual pede, tem e não dá valor e nem tem merecimento. A mãe sempre mostrou a realidade em que vivia, com suas possibilidades e dificuldades, fica claro quando o sujeito usa “filhas de viúva rica” e “filha de viúva pobre”, demonstra por contraposição adjetiva (rica/pobre) o seu ponto de vista.

No exemplo 8 abaixo, o sujeito cria a digressão por meio de um **exemplo** para tornar mais concreto o seu ponto de vista em relação ao tópico em curso. A documentadora pede ao sujeito para comentar sobre a época da faculdade e, neste momento, pensa (um chamativo com pausas: “olha...”), mas opta por falar sobre como respeitava os mais velhos, mesmo sendo irreverente.

*Loc.* olha... eu sempre respeitei muito os mais velhos... e sempre fui muito irreverente... muito moleca... muito levada... piadista e ... mas eu por exemplo respeitava os mais velhos... quando eu fui trabalhar no bromatológico... tinha um diretor velhinho... quando ele chegava... eu me levantava... e me espantava colegas mais novas do que eu... que estavam sentadas em cima... que fosse *babyzinha* não... heim... pouco mais mo... ca do que eu... talvez uns dez anos mais... mas rece... mais nova na casa... estavam sentadas... porque mesa de laboratório é alta... ela estavam ali... chegava o velhinho diretor... a menina continuava sentada... sabe que aquilo... eu sempre respeitei os mais velhos... isso... então eu achava assim uma desconsideração da parte dela... se permanecia sentada... em cima da mesa... começa que em cima da mesa não é lugar de sentar... um químico sentar na mesa... enfim... sentava na mesa... chegava o diretor... permanecia... e se/ instintivamente... eu me levantava... não sei se isso já é coisa de família... que a gente traz de família.  
(L.235-252)

A locutora exemplifica bem os atos de pessoas sem respeito, pois, sentar numa mesa e não numa cadeira ou não se levantar ao chegar alguém de mais idade é um ato desrespeitoso. E o interactante acredita que isso vem de família, implicitamente diz que a nova geração não tem recebido essa educação (ponto de vista).

No exemplo 9, a locutora fala de virilidade, calcinha justa, camisa que combina com bolsa, já que a calça é tão justa que inviabiliza o uso de seus bolsos. Nesse momento, insere uma parentética (“nada que eu tenha contra”), ou seja, prepara o outro de que vai buscar algo no seu campo contextual.

eles... porque eu tenho amigos que são bichas e que eu adoro... não estou fazendo um libelo contra eles... não... são uns amores... agora... que eles são rebuscados... são... agora... são rebuscados porque são assim ou porque a... a moda se lhes ofereceu oportunidade de... de... de se apurarem mais...  
*Doc.* agora... ao mesmo tempo... eu acho que às vezes a gente... eu pelo menos sinto... minha geração foi uma geração assim (L.485-491, grifos meus)

Neste segmento tópico, a interactante exemplifica seu ponto de vista com o auxílio de seus amigos considerados homossexuais, pois eles são rebuscados no uso de roupas porque a moda lhes oferece mais oportunidade de escolha.

No exemplo 10, para melhor mostrar seu ponto de vista, a interactante escolhe **ilustrar** o que pensa. A interactante fala da roupa que usava na praia (foco) em comparação com as mais atuais. Nesse momento, insere uma parentética para dizer que mulher bonita pode tudo, mas que ele (o interactante) não tem essa personalidade.

*Loc.* eu acho que tudo é válido... a mulher bonita pode fazer o que quiser... já não estou me referindo tanto ao homem... porque o homem tem que ser másculo... pode ser bonito... mas ser másculo... os que não são também são boas praças ((risos))...  
*Doc.* sim... mas... eh... eu... eu gostaria de saber... assim



digo... não perdi noite se sono os criando ((fala feminina  
 “deseja alguma coisa?”)) não... um cafezinho... não quer...  
 M.H.?

*Doc.* hum... hum...  
 (L.112-115)

Há a preservação de um ato social, que é a parada na chegada de alguém, logo em seguida os interactantes respondem a essa nova participação e retornam ao foco.

No exemplo 13, a locutora traz para seu foco o açúcar e resolve oferecê-lo ao outro.

açúcar... M.H.?

*Doc.* hum... hum...

*Loc.* no... no mês seguinte... aquele vestido... de cor-de-rosa já  
 estava azul...  
 (L.337-340)

No exemplo 14, a locutora traz para seu foco o açúcar e resolve oferecê-lo ao interlocutor.

açúcar... M.H.?

*Doc.* hum... hum...

*Loc.* no... no mês seguinte... aquele vestido... de cor-de-rosa já  
 estava azul...  
 (L.337-340)

Há uma parada, devido a algo que estava no campo de percepção do interactante ser colocado em foco. Desse modo, instaura-se uma conveniência social (oferecer/aceitar ou não) para o retorno ao foco.

O exemplo 15 é uma digressão interpessoal **imediate atributiva**, a locutora traz um objeto do entorno (gravador) para o processo interativo, a fim de preservar sua face.

- Doc.* e...e... cuecas assim também tem...  
*Loc.* tem... tem uns tais Zorbas... Zorba... ah... eu não posso dizer...  
 desliga... depois eu te digo...  
 (L.671-673)

A preocupação em dizer algo pessoal e que vai ser gravado, traz a inibição e o corte na fala. O interactante teme ao gravador, pois sabe que o dito será registrado. Assim, o gravador, elemento à margem, passa a fazer parte do ato interativo.

No exemplo 16, a locutora busca preparar o interlocutor para aceitar as suas colocações. Tal preparação se evidencia por meio de pistas: adjetivos no superlativo, afirmações do modo como pensa.

- Loc.* olha eu... eu sou avançadíssima... gosto de tudo que é moderno... não sou saudosista... até em música sou moderninha... seresta... uma ou outra... eu gosto de *pop*... é porque... eu estou dizendo a você que eu sou uma velha...  
 (L.207-211, grifos meus)

A locutora tenta manipular a fala do outro<sup>1</sup>, pois a documentadora havia afirmado que houve uma época em que os homens eram muito rígidos com relação aos seus trajes. Assim, o sujeito tenta mostrar, com imposição (“eu sou uma velha”, critério de autoridade e sabedoria), para logo dizer que ela se espanta com homens que usam manga de camisa, isto é, prepara o outro para então apresentar o dito, pois percebeu que o interlocutor pensava diferente.

### **Comentário Final**

A análise dos dados revelou que as digressões ocorrem motivadas por mudanças de foco relacionadas ao tópico em andamento, trazendo para o discurso um conjunto de relevâncias existentes no campo de percepção dos interactantes. Ao instaurar a digressão, os interlocutores do ato conversacional constroem a tessitura do texto oral, inserindo explicações, exemplos,

comentários, elucidando fatos, buscando a maior interação com o outro, com o dito e com o próprio ato interacional.

Desse modo, se “a digressão revela ou desvela o lugar de onde emerge a relevância de seu conteúdo agora contextualizado”<sup>2</sup>, a digressão possibilita um olhar para todo o espaço em que o discurso é gerido, para o quadro em que a centração tópica se constrói. Distante de ser um tipo de ocorrência de desarticulação textual, a digressão proporciona a integração das relevâncias que são efetivadas passo a passo, tornando-se tópico do discurso.

O papel das digressões do tipo lógico-experencial na diferenciação da construção do discurso ocorre de forma expressiva nesse inquérito. Isso significa que pontos de vista dos sujeitos foram deslocados, em maior proporção, da margem em que se encontravam e, por algum momento, focalizados em outro; também comentários de algo importante elucidado pelo tópico prévio e ilustrações relativas ao tópico anterior, que tornam concretas as opiniões dos interactantes, mais explícitas.

A digressão cumpre seu papel de levar os sujeitos à participação de forma ativa, atenta e compreensiva no ato interacional. Vemos na narrativa a vivacidade, o jogo pela busca de palavras que ficaram num tempo passado, mas que precisam ser esclarecidas no momento interacional. O dito não pode ficar obscuro, pois o interactante quer um indivíduo participativo.

## **Anexo**

### **PROJETO NURC – RIO DE JANEIRO**

INQUÉRITO 317 – BOBINA 102 – DURAÇÃO 50 MINUTOS

Data do registro: 03/12/75.

Tema: Vestuário.

---

<sup>2</sup> Outro é aqui o participante da interação.

Dados do informante: sexo feminino, 70 anos, carioca, pai português, mãe e padrasto cariocas, área residencial: Zona Norte, Zona Sul e Zona Suburbana, formação universitária: Medicina.

- 1 *Doc.* ( )  
*Loc.* ( ) debruçada sobre o esportivo...  
*Doc.* hum...  
*Loc.* tinha uma preguiça louca de... de escolher feitos e escolher  
5 modelos... então arranjava sempre umas pessoas de boa vontade que faziam... eu mandava a fazenda... de acordo com a fazenda... a pessoa já fazia o ... detesto provar roupa ultimamente eu compro vestido pronto... porque agora... então... depois de velha... a... a preguiça aumentou... né? agora... sempre debruçada sobre o esportivo... porque nunca  
10 fiz esporte assim... eh... seguida... porque... como eu digo a você... eu sou muito dispersiva... comecei a aprender a NADAR... mas... como eu nasci na beira da praia... eu trouxe todos os erros... os defeitos... então o professor de natação lá  
15 no Tijuca Tênis Clube disse... não... é melhor... eh... se você quiser aprender a nadar... nada de costas... eu não gosto... eu quero nadar *crawl*... *crawl* você nunca vai nadar... porque você já está cheia de defeitos... tênis... comecei e parei... então... adoro praia... até hoje... sempre adorei praia... de preferência mar... água... ou então montanha com uma boa piscina... hoje em dia até estou preferindo uma piscina do que  
20 praia... aquela areia me chateia e tal...  
*Doc.* e assim... por exemplo... quando: você vai viajar e vai pra montanha... que que você leva?  
25 *Loc.* aí é que está... aí  
*Doc.* [ de roupa  
*Loc.* eu levo o estritamente necessário... porque sempre a gente compra qualquer coisa... por pouco dinheiro que a gente  
30 tenha... a gente sempre compra um suerterzinho... compra um *kilt*... compra uma bolsa... sapato não... que meu pé é de japonesa... é minúsculo... eu sou grandona... tenha trinta e três de pé... então... na Europa... eu não compro sapato... ah... eu

- já estive na Argentina... esqueci naquela ocasião... na  
35 Argentina e Uruguai... há bem pouco tempo...
- Doc.* sim... mas... eh:... vai arrumar a ( ) você põe o quê?  
*Loc.* bom... eu sou... nessa ... engraçado... eu sou um temperamento  
muito engraçado... porque pouco... antes da... da viagem... eu  
já ponho tudo que é necessário... eu tenho uma:... uma  
40 bolsinha onde eu tenho uns apetrechos de toaleta... então... ali  
boto... logo depois o pijama... roupão... eh... uma roupa eh  
interna e sapato no fundo... a última hora é que eu boto o  
vestido... o estrito necessário... porque se eu aqui... no Brasil...  
eu nunca fui muito rebuscada... imagina no estrangeiro... que  
45 ninguém me conhece... vou decentemente... não é? vou  
decentemente vestida... agora... depois então é que eu boto o  
su/ o que... de repente... eu sinto falta... boto... agora ( )  
nessa coisa é o estrito necessário... porque... como em  
sessenta e nove eu paguei uma bruta multa com excesso de  
50 bagagem... eu tomei pavor de excesso de bagagem... então eu  
levo o estrito necessário... um vestido preto pra de noite... um  
casaco pra de noite... o resto... saía... blusa... compro lá...  
calça comprida... suéter... sempre eu vou... eu fui na pri...  
duas vezes eu fui na primavera... terceira vez fui no outono...  
55 ando sempre pegando um... uns restinhos de... de frio... né?  
casaco... claro... não me lembro mais nada... o necessário... a  
bolsa... duas... porque sempre a gente traz... porque brasileiro  
compra mesmo... compra pouco... pode o... tanto que eu na/  
no outro dia eu estava comentando com a M. que: o europeu  
60 não dá muita pelota pro turista... TURISTA... turista na  
acepção da palavra... não digo esses grã-finos que vão... não  
dão muita pelota pra gente não... o que o brasileiro compra  
muito... mas compra... coitadinho... coisinha... está em saldo  
((riso))... mais baratinho... mais ... mas compra... eu... pelo  
65 menos... compro... perfume... adoro... me arre/ me arreberto...  
me arraso toda... mas os meus perfumes ...
- Doc.* que mais... além de perfume?  
*Loc.* perfume ( ) você... um suéter... um *kill*... um... ah... bolsa... e  
adoro chapéu... você sabe que eu tenho mania por chapéu?  
70 todo lugar que eu... que eu vou... eu trago um... todo lugar que  
eu vou... eu trago um chapeuzinho... chego aqui... fica tudo  
atulado... que aqui não se usa... né? mas lá... faço um  
sucesso com meus chapéus...

- Doc.* bom... mas aqui pode usar também...
- 75 *Loc.* bom... eu trouxe dessa última vez um gorro de... de astracã que eu comprei lá em Istambul... de vez em quando eu saio com ele... outro dia eu fui numa casa... um broto ficou louca atrás de mim... ah... L.... me vende esse gorro... eu digo... diz à sua avó pra comprar... eu vendo por sessenta dólar... custou 80 seis dólar lá em Istambul ((risos))... a... a menina ficou louca... agora... moda de um modo geral... agora... essa coisa... adoro essa moda... se eu fosse moça... eu adoraria usar... eu acho descontraído... eu acho fabuloso... porque eu ainda te:inho ainda aquela coisa de querer combinar sapatinho com a bo:lsa... eh... a calça com o lencinho no pescoço... 85 ainda guardo essas coisas... mas pra essa juventude eu acho fabulosa essa moda...
- Doc.* como é que eles andam?
- Loc.* completamente descontraídos...
- 90 *Doc.* o que que é isso de descontraído? pra mim interessaria muito que você descrevesse o tipo de
- Loc.* [ a minha... a meu... a minha concepção?
- Doc.* [
- 95 *Loc.* eles usam o que eles querem... o que eles acham que PODEM usar... que DEVEM usar... sem se preocupar com combinar cores... se a calça está bem passada... se a blusa está bem passada... e algumas vezes até pouco limpos... pelo menos 100 externamente... mas eu acho fabuloso... esses colares... tudo isso eu acho lindo... máxis... essas máxis por aí... e eu... eu digo sempre pra M.... me segura... porque eu acho que eu vou ficar uma velha ridícula... porque qualquer dia... estou eu saindo... aí... de capa... cheia de colares assim... pelo amor de 105 Deus... L.... porque eu adoro.. eu adoro a juventude... procuro compreendê los... está um pouco difícil... hoje em dia... o diálogo... pelo menos eu que não... não tenho vivência com eles... porque... apesar de eu ter muitos sobrinhos... mas eu acho que eles tem o direito à vida deles... sou incapaz de 110 observar qualquer coisa... posso não gostar de certas atitudes... mas sou incapaz de dizer... porque... é como eu digo... não perdi noite de sono os criando ((fala feminina

- “deseja alguma coisa?”)) não... um cafezinho... não quer...  
M.H.?
- 115 *Doc.* hum... hum...  
*Loc.* não perdi noite de sono os criando... não gastei dinheiro com eles na sua educação ou em doença... então eu me abstenho... Eu acho que eu não tenho o direito de interferir com eles...  
*Doc.* sei... e em termos assim deles... quando eles eram  
120 pequeninhos... geralmente a gente prepara/ não é... pra... quando a criança vai nascer... uma série de roupas e... e de coisas... você tinha... assim... vontade ( )  
*Loc.* [ ah... isso eu sou até hoje... ah... sou  
125 ( ) adoro presentear... adoro... presenteio de acordo com o que eu posso...  
*Doc.* hum... e roupa?  
*Loc.* eh... pra terceiros?  
*Doc.* pra eles... quando eles eram pequenos  
130 *Loc.* [ pra eles... roupa pra eles... desisti... bom... quando eram bebezinhos... era um negócio que funcionava... mas de...  
*Doc.* [ comprava o quê?  
135 *Loc.* camisinha de pagão... babadorzinho... eh... mantas... sapatinhos... agora... depois de uma certa idade... eu parei de presentear-los com roupa... porque nunca acertava... ou estava curto ou estava longo ou estava apertado ou estava... eh... larga... então desisti de dar roupa pra eles... então os... eu já tenho sobrinho-neto... claro... agora eu dou dinheiro... eles compram lá o que eles querem... porque eu desisti de... comprava uma blusa... estava apertada/ pequena... um... então desisti de dar roupas... outro dia... dou pro bebezinho... quando vai nascer... eu dou... eu compro uma camisinha de pagãozinho... uma meinha... uma botinha de... e agora é negócio de alergia... né... então procuro comprar... eh... a botinha... sapatinho de linha... porque não usa lã... e dou mantinhas de lã a... eh... antialérgica... pra todos eles... tudo quanto é sobrinho-neto meu presente é manta de lã... São  
145 muitos... são muitos... eu tinha vontade de presentear-los mais... mas são muitos... quando eu...

- Doc.* [ é difícil... né?
- Loc.* opa...
- 155 *Doc.* agora... uma coisa... essa liberdade... assim... de... de vestir...  
você acha que é só em relação à mulher? o homem também...  
ou o homem ficou mais formal?
- Loc.* não... eu acho que os homens também estão descontraídos...  
eu acho... também... pelo que eu... me é dado observar... você
- 160 *Doc.* vê... esses cabelos compridos... já não é... que já está fora de  
moda... mas enfim... alguns continuam ou por economia ou  
por... sei lá... porque se acostumaram... eu gosto muito de  
moda... gosto de acompanhar moda... mesmo que eu não a  
siga... mas eu gosto e... e vejo e sei o que que está se usando...
- 165 *Doc.* o que que não está se usando... o que que vai se usar... o que  
... E então eu já vi que cabelo comprido pra homem acabou...  
já não se usa mais... porque a moda vem do estrangeiro... a  
única moda que o Brasil exportou é a tanga... né? essas  
tanguinhas aí de... dessas meninas aí da praia... me parece que  
é a única coisa ((riso))...
- 170 *Doc.* agora... comparando assim essa tanga das meninas do dia de  
hoje... com... por exemplo... seu tempo ( )
- Loc.* [ o maiô?
- 175 *Doc.* quando... eh... você ia pra praia... como é que era?
- Loc.* [ eu digo a você... se eu tivesse um corpo bonito... eu  
ia de... de tanga... M.H. eu não vou porque não tenho corpo  
bonito...
- 180 *Doc.* hum...
- Loc.* eu acho... acho válido...
- Doc.* agora... no seu tempo... no seu tempo... você usava o quê?  
como que era... assim quando você estava... eh... jovem
- Loc.* [ maiô... eh... maiô... decotado... claro...
- 185 *Doc.* naquele tempo... o maiô era inteiriço... né... era inteiro... não  
era até o meio da perna... não peguei também esse tempo  
((riso))... era um maiô inteiro... naturalmente decotado...  
naturalmente... há mais anos... devia ser menos cavado nas  
costas... depois usei... passei a usar bem cavado... feito
- 190



- 230 um *blaser*... uma coisa... nem isso... porque... ah... houve uma... uma época aí que me espantava... porque eles iam mesmo em manga de camisa... mas isso passou... hoje em dia acho que é válido e...
- Doc.* agora... na época assim... por exemplo... de faculdade... sua
- 235 *Loc.* olha... eu sempre respeitei muito os mais velhos... e sempre fui muito irreverente... muito moleca... muito levada... piadista e... mas eu por exemplo respeitava os mais velhos... quando eu fui trabalhar no bromatológico... tinha um diretor velhinho... quando ele chegava... eu me levantava... e me
- 240 espantava colegas mais novas do que eu... que estavam sentadas em cima... que fosse *babyzinha* não... heim... pouco mais mo...ca do que eu... talvez uns dez anos mais... mas rece... mais nova na casa... estavam sentadas... porque mesa de laboratório é alta... ela estavam sentada ali... chegava o
- 245 velhinho diretor... a menina continuava sentada... sabe que aquilo ... eu sempre respeitei os mais velhos... isso... então eu achava assim uma desconsideração da parte dela... se permanecia sentada... em cima da mesa... começa que em cima da mesa não é lugar de sentar... um químico sentar na
- 250 mesa... enfim... sentava na mesa... chegava o diretor... permanecia... e l se/ instintivamente... eu me levantava... não sei se isso já é coisa de família... que a gente traz de família... é como eu estava dizendo a... outro dia aqui... a minha mãe... por exemplo... nunca chegou pra mim e me disse... L.... você
- 255 vai agir assim... ela me deu exemplos... por exemplo... esse negócio ... minha mãe era muito justa... quando uma filha... um filho errava... ela reconhecia o erro do seu filho... porque o que eu vejo hoje... M.H.... é que... mais uma coisa... os pais têm medo dos filhos... segundo... os filhos são intocáveis... inatingíveis... impolutos... então... se você disser... o meu
- 260 sobrinho de sete anos... você tem um filho de quantos anos? sete...
- Doc.* é LINDO... eu tenho amigas assim... quando eu digo que tenho um sobrinho de sete anos que é lindo... ela está achando
- 265 que o filho dela de sete anos não é bonito... quer dizer... eh... eu já cheguei à conclusão que está havendo uma perturbação qualquer aí... não sei... porque na ... então minha mãe nunca chegou pra mim dizendo... L.... você tem que ser justa... agora... eu vi os exemplos dela... então... com meus irmãos...



- 310 me lembro quando eu era ... antes de sete anos... eu morava lá em Icarai e tinha uma vizinha de ( ) uma viúva com vários filhos... eu chegava em casa... eu sempre fui muito assanhada... muito sapeca... mamãe... eu quero uma botinha marrom... com... com cano de camurça... mamãe dizia assim...
- 315 quem é que tem? ( ) é a I. ou é a C. essas... minha filha... são filhas de viúva rica... você é filha de viúva pobre... se você se comportar bem... vamos ver... criou complexo em mim... M.E.... ó... M.H.? absolutamente... meus vestidos... eu ia a tudo quanto era festa... dançava feito um diabo... dançava a noite inteira... aquele vestidinho...
- 320 *Doc.* como é que era? se lembra de algum?  
*Loc.* ih... se era gaze ou... ou *voile*... uma coisa transparente mas não... então a minha mãe era tão prática... que ela fazia tons de rosa-seco... e pouco a pouco ia tingindo... porque não podia comprar... ia tingindo até chegar no azul-marinho... porque naquele tempo mocinha não usava preto... depois passou-se a usar... mas naquela época não se usava preto... então começava do co/ do rosa... do quase branco e ia... ia... até chegar no azul marinho... então botava um enfeite... uma...
- 325 um laço vermelho... uma faixa vermelha... uma flor vermelha... pra variar... era outro vestido... era o mesmo... agora... eu me complexei com isso? sempre tive relações abaixo da minha posição soci/ da minha posição social... igual e acima da minha posição social... não só socialmente falando... como até economicamente... eu tenho amigas... amigos em todas as gamas... agora tudo é complexo... e eu ia feliz da vida... açúcar... M.H.?
- 330 *Doc.* hum... hum...  
*Loc.* no... no mês seguinte... aquele vestido... de cor-de-rosa já estava azul...
- 340 *Doc.* ( ) e pra fazer?  
*Loc.* olha... você sabe que minha mãe... quando enviuvou do meu pai... ela não ficou em condição econômica muito boa... não... agora ela tinha jeito pra costura... ela não gostava era de serviço de cozinha... então... acho que ela ((ruído)) ( ) já costurava... não sei até se costurava pra fora... não sei... eu não sei se era ela que fazia ou era alguma costureirinha... isso eu não me lembro... não... eu me lembro que quando aí me formei em farmácia... eu não quis anel de grau... eu disse...
- 345

- 350 não... mamãe... eu quero um vestido da moda e um sapato da Casa Vigor... então ganhei um vestido bacanêrrimo de gaze... todo bordado de florezinhas... cor-de-rosa... muitas florezinhas... e um sapato... nunca me esqueço... verde-água com branco... não quis anel... quis o vestido e o sapato...
- 355 *Doc.* hum... e assim em termos de ... você tinha vários irmãos?  
*Loc.* nós éramos quatro... eu era a mais moça... a mais velha foi religiosa... depois meu irmão que morreu agora este ano... e eu tenho uma irmã que tem... teve nove filhos... perdeu dois... tem sete... é daí que vem a minha sobrinhada toda... meu
- 360 irmão só teve dois filhos... um não tem filhos... o outro tem três... três sobrinhos-netos... sendo que um é temporãozinho... o outro está com vinte e um anos e ele está com quatro...  
*Doc.* em termos assim de preocupação com vestir  
*Loc.* [
- 365 econômica?  
*Doc.* com roupas que usavam... os homens hoje são diferentes... não são?  
*Loc.* em termos de quê? de mais apuro?  
*Doc.* preocupados em... com isso e... enfim... a gente vê pelas lojas
- 370 *Loc.* [ OLHA... olha aqui... eu vejo... eu acho que as lojas de homem são lindíssimas... a gente encontra até coisa mais bonita em homem do que em... então... agora... com o *unique sexe* então... está pra mim...  
375 porque às vezes a gente quer comprar um... um *blaser* que a gente não encontra na loja de mulher e vai na loja de homem e encontra... eu go/ eu acho que ainda há ... eu ultimamente não vou mais a lugar nenhum... sabe? eu acho que ainda há uns homens que se rebuscam no vestir... ainda há... alguns...  
380 acredito  
*Doc.* [ assim em detalhes... de... de  
*Loc.* [ eu ainda acredito que haja... a gente vê aí... na  
385 televisão... esses homens combinam tudo... camisa... ainda há... esses *speakers* e ... às vezes... eu sei as modas por essas mulheres aí da televisão... esses homens... que já cortam o cabelinho assim... o... o vestidinho assim... jardineira... eu já sei que é moda... quando eu não leio no jornal... porque é

- 390 como eu disse a você... eu acompanho a moda de longe... mas  
acompanho...
- Doc.* outra coisa também é que eu... pra mim pelo menos... eu acho  
que faz diferença... há alguns anos atrás... a gente olhava lojas  
de roupa feminina... de... de... de mulher... havia uma  
395 variedade muito grande de coisas... mas as de homem eram  
assim
- Loc.* [ menos
- Doc.* menos rígidas... não é?
- 400 *Loc.* [ é...
- Doc.* hoje em dia
- Loc.* [ não
- 405 *Doc.* que que a gente vê? a gente vê tanta coisa ...
- Loc.* [ olha... eu... eu digo a você o  
seguinte
- Doc.* [ você tem visto assim ultimamente
- 410 essas lojas?
- Loc.* olha... eu vejo aquelas butiques... lá de Copacabana... de  
mulher... eu acho aquilo uma bagunça... as Lilocas... as  
não-sei-o-quê... porque... eh... o Lixo... porque eu fui ver... fui  
415 ver... fui ver...
- Doc.* o Lixo... eu nunca fui... como é que é?
- Loc.* o Lixo é roupa suj/eh... usada... que naturalmente é lavada... é  
esterilizada... então é co/ é roupa... eh... manchada... quanto  
mais manchada... mais bonita... e eu acredito que seja  
420 esterilizada... não sei... e eu vejo assim butique assim... assim  
uma butique mais grã-fina realmente... não ... agora vejo loja  
de homem... essas lojas de homem aí... não me lembro... não  
vou fazer propaganda... porque nem me lembro.. acho lindas  
as... as vitrines de homem...
- 425 *Doc.* que que tem lá? Lembra de uma vitrine dessa? pra dizer  
assim...
- Loc.* ah... essa ( ) a gente fala tanto aí na te/ o homem também  
entende de mulher... é um turco... tem o nome de um turco...  
ah ( ) é Windsor... tem... tem várias lo/ lojas de homem



- 470 cabeleireiro de... tem cabeleireiro de homem e ... bom... tratar de unhas... isso eu já conhecia há muitos anos... moços que limp... que faziam unhas... não é... homens que faziam... mas fri/ frisar cab/ bom... os cabelos compridos tinham que se frisar mesmo... né... principalmente esse pessoal de... de
- 475 televisão... artista... tem que se tratar... agora... eu não sei se isso... como eu disse a você... eu não sei se é causa ou efeito... não sei...
- Doc.* dá um aspecto assim diferente? Tira esse aspecto de... de... digamos assim... de masculinidade?
- 480 *Loc.* de virilidade... eu acho que eles estão... estão muito apurados... a gente vê... é calcinha justinha e a camisa combinando com ... e com essa bolsinha... porque eles não podem botar nada no bolso... porque é tão justa a calça que eles têm que usar essa bolsinha... nada que eu tenha contra
- 485 eles... porque eu tenho amigos que são bichas e que eu adoro... não estou fazendo um libelo contra eles... não... são uns amores... agora... que eles são rebuscados... são... agora... são rebuscados porque são assim ou porque a... a moda se lhes ofereceu oportunidades de... de... de se apurarem mais...
- 490 *Doc.* agora... ao mesmo tempo... eu acho que às vezes a gente ... eu pelo menos sinto... minha geração foi uma geração assim muito mais ((fala feminina “Vocês não querem mais nada?”))
- Loc.* eu só tomo um... você quer mais?
- Doc.* ( ) eh... mais apurada... em relação por exemplo a
- 495 tratamento... por exemplo... de cabelo... de pintura... E hoje eu acho as moças ( )
- Loc.* [ ah... não... completamente... você vê que elas não usam mais pintura nem nada... né? nem batom... nada... ruge então... eh... eu acho que elas nem sabem o que é ruge... batom não usam mesmo...
- 500 *Doc.* mas isso são as mais jovens... não é? porque também tem...
- Loc.* sim... é... essas de vinte... vinte e cinco anos...
- Doc.* mas também tem um... tem um grupo assim que carrega hoje
- 505 bastante... não é... nesse tipo de...
- Loc.* também... exageram... eh... a boca de cora...ção... aquele batom forte... né... eh... risco... bom... eu como sempre fui muito esportiva nunca fiz um tratamento de pele nem nada... não tinha tempo... o tempo que eu ia perder em salão de be...



- 550 *Loc.* não...
- Doc.* que às vezes há pessoas assim muito sofisticadas... e pra mim interessaria ter uma idéia assim de... por exemplo... se apresentar bem e ... pra uma solenidade... pra uma coisa dessas... digamos que uma pessoa tivesse que utilizar todos
- 555 esses serviços e coisa... e quem ...
- Loc.* é... eu acho... eu acho válido... se são mulheres que es/
- Doc.* [ sim... o que que você imagina que ela teria que fazer? agora vamos tentar assim
- 560 imaginar... supondo... supondo ( )
- Loc.* [ bom... naturalmente fazem massagens
- Doc.* [ hum
- 565 *Loc.* eh... maquiagem... claro...
- Doc.* sim... mas essa maquiagem... assim em detalhes... que que ela usaria de maquiagem?
- Loc.* ah... isso eu não sei... isso é lá no salão que devem saber... de acordo com o tipo de pele dela... da... eu sou... eu... creme tal
- 570 pra pele tal... como eu vejo... xampu tal pra cabelo tal... então acredito que creme de... de rosto também deve ser a mesma... nessa mesma base... úmido... seco... gorduroso e... não sei porque eu nunca fiz... não fiz... nunca fiz... outro dia eu fui aí... a se/ mulher da Sears queria me empurrar um creme... eu
- 575 digo... minha filha... eu nunca usei nada... quando eu era moça... agora é que eu não vou usar... eu gosto de apanhar sol... me queimar... me descascar... não me descasco não... que eu agora já estou curtida... gosto é disso... minha filha... não... não quero nada de creme... não... mas então eu acredito
- 580 que essas senhoras da sociedade... que devem freqüentar Renault e outros por aí... devem ter lá o... a sua ... como se diz? ritual de massagens... de maquiagem... de creme... de sombras... de *cayon*... de ruge... batom... pode ser isso... e depois vem a parte do cabelo... não é? deve ser massageado
- 585 com isso... massageado com aquilo... de... deve de tomar muito tempo... mas eu... eh... é válido porque são mulheres que estão sempre na... na crista da onda... estão sempre citadas... já criaram uma fama... um ... elas são quase mitos... tem umas mulheres aí que são mitos... mulheres não saem



- 630 *Loc.* eu acho... eu a/ você sabe que eu acho que houve uma modificação na... na... na... no... no tipo físico da mulher? elas são muito mais altas... esguias... finas... pouco busto... eu não sei se é massagem ou se são os ba... as aulas de balé que elas têm... ginástica... eu... eu noto... eu noto que... ah... essas
- 635 meninas de hoje são todas bem lançadas... altas... esguias... sem barriga... pouco busto... ao passo que o nosso tempo ... acho que era até era bonito mulher bem avantajada... né? ô...  
*Doc.* hum... e pra en/ e ainda tinha assim mil recursos pra encher... não é?
- 640 *Loc.* ah... tinha... bom... eu não peguei espartilho... né?  
*Doc.* sim... mas eu... eu peguei por exemplo ...  
*Loc.* ah...  
*Doc.* aquelas ...  
*Loc.* bom... cinta... a gente usava cinta... usava uma cintazinha e
- 645 tal... mas aquele negócio de espartilho... assim... não... isso eu não peguei... acho que não... minha mãe  
*Doc.* [ ( ) roupa também do homem também mudou muito... esse tipo de coisa interna... né? de...
- 650 *Loc.* é... você sabe que eu tenho uma amiga que já está com filha... uma neta que é estudante de medicina... quan... eu achei tão engraçado quando ela casou... não é? ela me dizendo que o marido tinha as cuecas combinando com a camisa... olha... vamos dizer que ela já tenha se ... tenha casado há ( ) mais
- 655 de vinte... muito mais... que a menina está na faculdade de medicina... a neta... dá uns trinta e tantos anos... vamos dizer... quarenta... eu achei gra...ça por ela me dizer que o marido tinha cueca combinando com a camisa... que eu achei lindo de morrer... não vi não... mas achei lindo... só de calcular... achei lindo de morrer a cuequinha lá do... do Z. combinando com a camisa...
- 660 *Doc.* ((risos)) ( ) mas hoje também se faz...  
*Loc.* ah... pois é o que eu... eu estou dizendo a você... por isso que eu... agora estou me lembrando... você puxou... em me lembrei
- 665 desse... desse detalhe... porque eu achei... eu achei lindo... eu achei uma beleza... bom... naquele tempo... eles usavam... por exemplo... meia combinava com a camisa... né? e a gravata combinava com... com a camisa... com o terno... agora a gente vê aí verde... terno verde... a camisa cor-de-abóbora e a

- 670 gravata azul fulgurante... vale tudo... vale tudo...  
*Doc.* e... e... cuecas assim também tem ...  
*Loc.* tem... tem uns tais Zorbas... Zorba... ah... eu não posso dizer...  
desliga... depois eu te digo...  
*Doc.* fala... não ( )  
675 *Loc.* [ não posso... eu não posso dizer o que eu penso...  
*Doc.* fala o que pensa... eu estou puxando de propósito...  
*Loc.* não... eu vou dizer uma coisa que você vai ... olha... eu acho...  
eu vou dizer...  
680 *Doc.* pode falar... depois eu vou falar... perguntar traje de banho...  
*Loc.* não vou dizer à M.... porque a M. vai morrer de vergonha... eu  
estou convencida que essas cuecas que eles usam vai  
prejudicá-los futuramente...  
*Doc.* prejudicar como? não entendi...  
685 *Loc.* viril... eh... organicamente... funcionalmente... porque...  
M.H.... você se lembra... as... as gueixas não usavam aqueles  
sapatos apertados... não ficavam com o pezinho assim? já  
pensou essas cuecas apertadíssimas? pensa bem... ouve o que  
eu estou dizendo... você é mais moça do que eu... daqui a uns  
690 anos vai dizer... ih... a L. tinha razão... você vai ver...  
*Doc.* e os trajes de banho?  
*Loc.* bom... trajes de banho... eles usavam uma... um calçãozinho  
como um... assim tipo camisa de meia... às vezes listrada...  
*Doc.* hum... mas e hoje?  
695 *Loc.* [ ah... hoje é sunga... só... não é... sunga... e também todos  
apertados... todos... ((risos))... a gente vê aí casais... às vezes  
eu não sei se é um... se são... se é casal... ou se são dois  
homens... ou se são duas mulheres... então no tempo que teve  
700 aí uns cabelo comprido... as meninas quase não têm busto...  
como eu disse a você... elas com uns corpos maravilhosos...  
acho que é negócio de balé... massagem... enfim... e a gente  
não sabia distinguir... minha filha... que às vezes pelo busto...  
nem pelo busto você distingue algum... eh... algumas  
705 mulheres e os homens não têm nada pra distinguir...  
*Doc.* não dava pra ver...  
*Loc.* ah... está tudo de cueca Zorba... apertando-se todo... sei lá...  
você vai ver... eu... eu me lembro disso... das gueixas... tanto  
apertavam o pé... que elas ficavam com o pé... eh...

- 710 atrofiado... Olha... e você sabe de uma coisa? eu estou dizendo isso... mas... no fim... eu falando com uma senhora minha... amiga minha... tem um neto... ele disse que não quer usar... o menino parece que tem doze ou treze anos... eu disse... mas... L... por que que ele disse isso? ah... L.... eu não sei... nem quis perguntar... mas o meu neto disse que não quer... L. então eu... eu... eu estou chegando lá... heim... bom... mas isso é outro assunto... você me obrigou a falar... você me obrigou... você me obrigou
- Doc.* [
- 720 não ( ) em termos assim de... de... de... de atualização... agora... uma outra coisa que pra mim interessava... quer dizer... em termos de ( ) ... seria o traje masculino solene... antigamente...
- Loc.* ah... sim... terno completo... eh... calça de... listrada...
- 725 *bas-ton...* jaquetão... era muito bonito... era muito formal...
- Doc.* por quê?
- Loc.* chapéu... camisa branca... em geral branca... né? e ...
- Doc.* e assim pra uma solenidade? ( ) às vezes eles usavam determinado tipo de ...
- 730 *Loc.* sim... isto era... em geral era o... era... em geral... a ca/ a... as calças eram listradas e o jaquetão... jaquetão é aquele que transpassa... era... em geral... era um cinza escuro... combinando com a calça listrada... era ( ) de longe você pensava que era cinzenta... então combinava... então botava aquela gravata *bas-ton* prateada e tinham o seu chapéu gelô alguns... outros não eram gelô... enfim... muito bonito...
- 735 *Doc.* e houve também uma fase assim... e até ainda hoje... né?
- Loc.* fraque...
- Doc.* ah... fraque eu gostava de saber como é que era...
- 740 *Loc.* não era tão bonito... eu gosto mais dos atuais... que são de... de rabo comprido... cauda longa... eram mais... mais curtos os... as abas... é aba... né? é aba... eram mais curtas...
- Doc.* eram mais curtas?
- Loc.* é... mas de hoje são mais elegantes...
- 745 *Doc.* agora... houve uma fase também em que os homens tinham... assim... quase que um traje oficial... um uniforme quase... pra... por exemplo... bailes
- Loc.* [
- era... era o tal jaquetão... eles usavam aqueles



- 790 esse eu achei... em plena Vieira Souto... um... uma hora da tarde... num domingo feérico... achei... lindo... não é? fiquei esperando pra ver se o dono aparecia... não usei enquanto não ... durante quinze dias acompanhei os... os anúncios no Jornal do Brasil... pra ver se dava... não apareceu... eu passei a
- 795 usar...
- Doc.* e isso... nas mãos?
- Loc.* ah... eu sempre usei isso... anel de ( ) me acompanha desde menina... eu não quis anel de grau... tive uns... uns anéis fantasias... um anelzinho aqui... com a minha pedra que é
- 800 topázio... aquele antiquinho... que a gente usava... mas vai me ferindo... acaba me ferindo... o único é esse... que aliás noutro dia eu vi que já estava ficando gasto... agora... colar de pérola eu adoro... adoro... e tenho...
- Doc.* e outras coisas assim de...
- 805 *Loc.* GOSTO DE UMA BOLSA... gosto de um bom lenço... trago lenço da Europa sempre... é outra coisa... esqueci de dizer... perfumes e lenços... trago... gosto... adoro lenço no pescoço... não sei se é pra tapar aqui um bocadinho... tapear aqui um bocadinho já as pelanca... mas eu sempre gostei... mas sou
- 810 boêmia... desligada... nada curiosa... eu não sei se é por preguiça mental... você pode deixar um documento aí... se é uma carta sua... que eu não leio... eu não sei se é por falta de curiosidade ou por preguiça mental... porque não... não me diz respeito... não me interessa... eu sou muito desligada...
- 815 olha... eu morava aqui... com a M... já há uns quinze... dezesseis anos... tem vinte... vinte e um que estou aqui... e ela foi fazer um retiro... que ela é muito religiosa... lá em Belo Horizonte... eu então combinei três pessoas pra virem fazer um joguinho... nesse tempo eu jogava... enjoei... bom... às
- 820 nove horas... eu mandei as empregadas servirem um cafezinho... depois eu mandei que elas se retirassem... porque elas não ... eu parto do seguinte... elas não são minhas empregadas...
- Doc.* essa moça que serviu o café aqui pra gente... ela estava com um traje...
- 825 *Loc.* é empregada da M... né? porque a M. é inglesa... minha filha... você sabe que nessa casa se usa lavanda?
- Doc.* e é?
- Loc.* usa sim...

- 830 *Doc.* e... e... e esses trajes de... de...  
*Loc.* ah... por ela... usava preto... porque elas não querem mais usar  
o uniforme preto com aventalzinho branco... não querem  
mais... e a M. nesse ponto... ela é muito humana... muito  
compreensiva... então compra esses uniformezinho mais  
835 bonitinhos... que parece um vestidinho... né... e bota aí... o  
avental... eu acho mais na hora assim de servir... fora disso...  
não... não usa uniforme... mas... voltando ao meu jogo...  
estava aqui jogando... mandei embora... aí mandei botar na  
garrafa térmica o café e preparei uns sanduíches ( ) na hora  
840 de servir... onde é que eu encontrava a louça... já morava aqui  
há qua... dezesseis anos... aí eu peguei... eh... pratinhos de  
sobremesa... não estavam quebrados... não... mas eram de  
cerâmica... que já... é um cor de-barro que já estavam... não  
estavam quebrados não... mas a tinta estava ... e eu servi... no  
845 dia seguinte... uma babá que nós tínhamos aqui... que morreu  
agora... no dia dois de janeiro vai fazer do... um ano agora...  
que era um amor de pessoa... disse... dona L.... que ela era  
muito mais *rafinée* do que eu... muito mais... você pensa que  
ela ia deixar eu sair assim? jamais... ela disse... mas... dona  
850 L.... a senhora serviu suas visitas com esses pratos... e a M.  
chegava de tar... à tarde... nesse mesmo dia... foi fazer  
queixa... então a M. me pegou... me mostrou... já morava aqui  
há uns dezesseis anos... me mostrou onde é que tem a  
855 porcelana... os pa... os talheres de prata... porque eu ... você  
viu como eu sou pouco curiosa e desligada... porque depois  
de dezesseis anos não sabia onde é que tinha louça boa na  
casa...

### Referências

ANDRADE, Maria Lúcia da C. V. O. **Relevância e contexto: o uso de digressões na língua falada.** São Paulo: Humanitas, 2001.

CASTILHO, Ataliba T. de. **A língua falada no ensino de português.** São Paulo: Contexto, 2004.

DASCAL, Marcelo; KATRIEL, Tamar. Digressions: a study in conversational coherence. In: PETÖEFI, S. Janos. **Text versus Sentence**. Hamburg: Buske, 1982. p. 76-95.

HALLIDAY, Michael A. K. Language as social semiotic. London: Edward Arnold, 1978.

HASAN, Raquiya. What's going on: a dynamic view of context in language. In: COPELAND, James E.; DAVIS, Philip W. (Eds.). **The Seventh LACUS Forum**. Columbia, SC: Hornbean Press, 1980. p. 106-121.